

Economia do país cresce, mas não a passo de tigre

Brasil fechará 97 com o sétimo maior PIB do planeta, mas está longe de registrar expansão como a dos gigantes asiáticos

Editoria de Arte

Mariza Louven e
Ana Magdalena Horta

A indústria brasileira cresceu 2% em novembro, mais do que o acumulado em todo o ano de 1996, segundo dados de Claudio Considera, diretor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Se este ritmo fosse mantido em 1997, resultaria numa taxa explosiva no ano, de 26,82%, e um Produto Interno Bruto (PIB) mais de 10% superior ao de 96, o que colocaria o Brasil ao lado dos chamados tigres asiáticos. Situação improvável, porque os economistas já avisaram que esses números vão cair, e a economia deverá ter expansão de 4% a 5%.

Mesmo assim, não é preciso ficar decepcionado: são taxas pequenas para transformar o país num tigre latino-americano, mas suficientes para fazê-lo subir degraus no ranking das maiores economias mundiais, depois de ter chegado ao oitavo lugar na década de 80. Numa edição especial publicada no início do ano, a revista "The Economist" já prevê que o Brasil terminará o ano como a sétima economia do planeta, com um PIB de US\$ 908,8 bilhões.

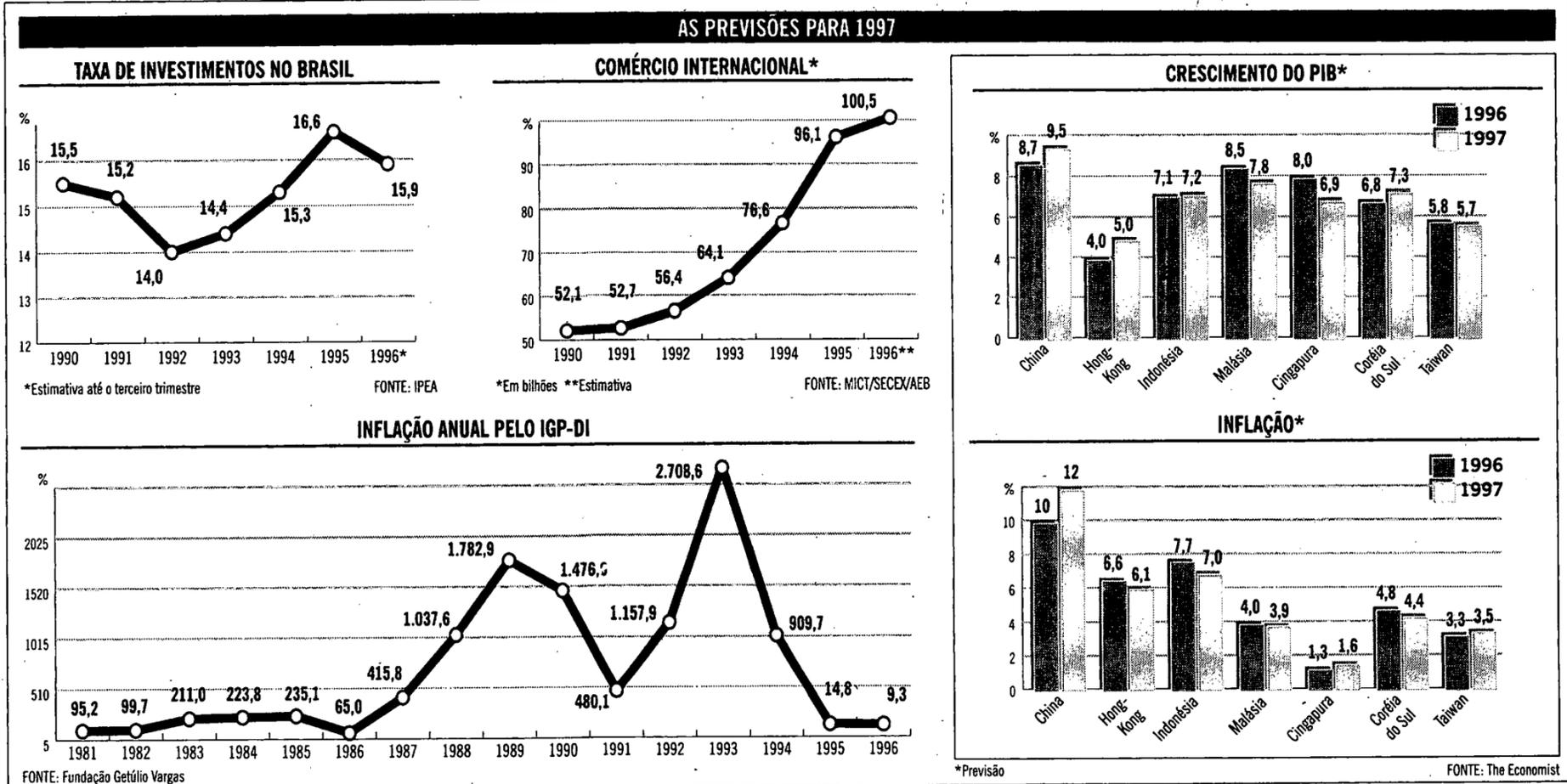
A melhor comparação pode ser não com o tigre, e sim com o elefante: uma economia enorme, em movimento ainda lento, mas que ocupará um grande espaço no cenário mundial — observa Considera.

Valor do PIB depende da fórmula de cálculo utilizada

O tamanho do PIB em dólar varia de acordo com a fórmula de conversão da moeda que for utilizada. Pela metodologia de Paridade do Poder de Compra, utilizada pelo Banco Central (BC) até o ano passado, o valor do PIB brasileiro chegava a US\$ 560,38 bilhões em 1995. No entanto, o BC mudou a fórmula e passou a fazer o cálculo pelo câmbio médio do dólar. Isso significa, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que o PIB chegou a US\$ 718,5 bilhões no mesmo ano de 1995 — o que resultaria num Produto Interno Bruto de cerca de US\$ 740 bilhões em 1996.

Já a "Economist" estima que o PIB brasileiro saltará para quase R\$ 1 trilhão em 1997, ou US\$ 908,8 bilhões. Neste caso, o país ficaria atrás apenas de Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Itália e Grã-Bretanha, ultrapassando países como a China, com PIB de US\$ 896,8 bilhões.

Independente do cálculo que se queira usar, a proporção entre o tamanho do Brasil e o dos demais países é sempre a mesma. Caso continue a crescer de 4% a 5% ao ano até o ano 2000, o país incorporará o equivalente a pelo menos dois Chiles, a quase uma Argentina, a meio México, a mais de duas Cingapur ou a meia Taiwan. Este nível de crescimento possibilitará um aumento mais significativo da renda *per capita*,



já que a população, estimada pelo IBGE em 160 milhões de habitantes em 1996, está crescendo apenas cerca de 1,2% ao ano. A China, apesar de ter crescido 9,7% em 1996, tem expansão demográfica igual à do Brasil, mas sobre uma população de 1,2 bilhão de pessoas.

Alguns problemas, no entanto, permanecem. O desempenho esperado para o Brasil, em 1997, provavelmente não será suficiente para gerar empregos na quantidade necessária para compensar o crescimento da população economicamente ativa (PEA). De janeiro a outubro do ano passado, houve um aumento, em relação ao mesmo período de 1995, de 337 mil postos de trabalho nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE.

Aumento do número de postos de trabalho não é suficiente

No entanto, a PEA, ou seja, o número de pessoas que passam a ter idade para trabalhar, cresceu mais ainda — e o descompasso entre o número de postos criados e o crescimento da PEA resulta no desemprego. Houve expansão do número de postos de trabalho em todos os setores, exceto na indústria, que demitiu 153 mil pessoas nas regiões pesquisadas.

Por outro lado, há certo consenso de que um ritmo mais acelerado da economia ameaçaria a estabilização. A inflação, que deve ficar em menos de 6% este ano, poderia voltar a crescer, impulsionada pelo aumento dos gastos públicos e privados. Além disso, uma das diferenças fundamentais entre o Brasil e os chamados tigres — Hong Kong, Cingapura, Taiwan e Coreia do Sul, que vêm crescendo a taxas médias de 10%

Parte da China no PIB mundial vai dobrar

Em 2005, país asiático responderá por 9,3% da produção do planeta

• Depois de seis anos consecutivos crescendo a taxas superiores a 10%, a China fechou 1996 com uma expansão do Produto Interno Bruto (PIB) de 9,7%. Apesar da queda no índice ter sido voluntária — para afastar o fantasma da inflação, o Governo procurou desacelerar a economia — houve quem se perguntasse se o ciclo de ouro dos chineses estaria dando sinais de enfraquecimento.

Não é o que diz o economista e consultor americano Brad Williamson. Apoiado em dados das Nações Unidas, Williamson sustenta que, até 2020, a China e os países do Sudeste asiático continuarão apresentando altas taxas de crescimento e atraindo cada vez mais investimentos, comendo pelas beiradas a participação dos países industrializados na produção mundial.

Segundo projeções de organismos internacionais, em 2005, a China, sozinha, será responsável

por 9,3% de tudo o que for produzido no mundo, praticamente o dobro da taxa de hoje, de cerca de 5%. A Ásia toda pulará de 11% para 20% do PIB mundial, também quase dobrando sua participação atual. Já a América Latina não terá desempenho tão brilhante, apresentando estabilidade na sua participação no PIB mundial nos próximos oito anos.

As vantagens da China na briga pela atração dos investimentos são muitas: imenso mercado interno e competitividade baseada na mão-de-obra barata e de alta qualidade. Além disso, o país ainda é um grande espaço inexplorado pelas forças capitalistas. As empresas que vão para lá encontram um terreno vazio e lucrativo, além de um mercado consumidor potencial jamais visto. É por isso que redes como a Benetton abriram, de uma só vez, 50 lojas na China.

ou mais ao ano — é que aqui não há poupança interna suficiente para sustentar uma expansão desta magnitude.

Como não tem poupança interna, o Brasil vem se financiando de maneira crescente no mercado internacional. O resultado tem sido o aumento do déficit em transações correntes do balanço de pagamentos, que saltará para 3% a 3,5% do PIB este ano.

Esta é uma das chaves do sucesso dos tigres asiáticos com relação ao Brasil, diz a economista Cristina Terra, da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio. Segundo ela, os tigres puderam se apoiar em sua alta poupança interna para sustentar os investimentos necessários a seu desenvolvimento. A taxa média de pou-

pança interna é de cerca de 25% entre os tigres, enquanto na América Latina todos os países, com exceção do Chile, têm índices menores.

Sem poupança suficiente, a taxa de investimentos da economia brasileira continua baixa: passou de 15,3% do PIB em 1994 para 16,6% em 1995 e, até o terceiro trimestre de 1996 não passava de 15,9%. Isso indica, acrescenta a economista da PUC, que o crescimento vem ocorrendo a partir da utilização da capacidade ociosa.

Por isso, ainda é cedo para esperar que o Brasil tenha desempenho semelhante ao dos países do Sudeste asiático. Para o economista Armando Castelar, do Departamento de Economia do Banco Nacional de Desenvolvimento

Econômico e Social (BNDES), é prematuro pensar numa expansão de 8% a 10% ao ano para o país porque o Governo está consolidando o Plano Real, tem as reformas estruturais pela frente e precisa elevar a taxa de investimento, principalmente em capital humano, ou seja, educação.

A batalha contra a inflação, aliás, pode ter um preço a ser pago em expansão do PIB: a China, por exemplo, teve que puxar o freio de sua economia no ano passado, e por isso registrou a primeira taxa de crescimento inferior a 10% desde o início desta década. O Governo desacelerou a economia por temer o aumento da inflação, que chegou perto dos 30%, comenta o economista Sergio Waddington, do Ipea.

O desempenho da produção industrial brasileira, no último trimestre de 1996, permitiu estancar a taxa negativa acumulada até setembro, de 0,5%, e contribuiu para uma expansão do PIB superior a 3%. Mas a desaceleração da economia no primeiro trimestre deste ano é dada como certa: se não acontecer por uma acomodação natural, o Governo ajudará, dizem os economistas.

Ainda assim, as simulações feitas pelo Ipea indicam que a taxa anualizada de crescimento da produção industrial chegará a 6% em junho, puxando também o resultado do PIB, que acumulará 5% em 12 meses. O importante é conseguir fazer as reformas estruturais necessárias para garantir o crescimento sustentado.

Tigres asiáticos deram ênfase às exportações para crescer

Segundo Cristina Terra, a primeira onda de desenvolvimento dos tigres asiáticos começou há 30 anos. De lá para cá, Hong Kong, Coreia do Sul, Cingapura e Taiwan cresceram, em média, 7% ao ano. A América Latina também registrou taxas médias de 9% ao ano, de 1965 a 1980. A diferença é que os tigres deram ênfase às exportações, o que exigiu o aumento da eficiência das empresas.

Inicialmente, os tigres produziam basicamente bens de consumo de baixa tecnologia — cuja importação foi limitada — e importavam bens de capital. Com o tempo, estes países passaram a absorver tecnologias, melhorando a qualidade dos produtos. Indonésia, Malásia e Tailândia são países que entraram na segunda onda, iniciada há dez anos. Desde então, conseguiram obter taxas médias de 6% ao ano. ■